

AS MANIFESTAÇÕES DE BULLYING NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Adriano José Rossetto Júnior¹, Eliane Oliveira Da Silva²

RESUMO

A violência que acontece constantemente no ambiente escolar, com fenômenos de agressividade entre pares no contexto escolar e tem sido investigada nas últimas três décadas é o *Bullying*. Os danos causados para as vítimas são cada vez mais constrangedores e inevitáveis, afetando aspectos sociais, afetivos, físicos e psíquicos. Esta Pesquisa Descritiva-exploratória teve como objetivo: identificar as manifestações de bullying nas aulas de Educação Física Escolar e analisar as conseqüências dessas manifestações nos aspectos sócio afetivo de adolescentes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Baseando-se nos estudos de Fante (2005) e Middleton-Moz e Zawadski (2007) e nos dados coletados da amostra composta por 100 (cem) alunos de 11 a 15 anos de idade, de um total de 512 alunos de uma escola pública do Rio de Janeiro. Para o levantamento dos dados foram utilizados dois questionários fechados compostos por sete questões, um para o sexo feminino e outro para o sexo masculino, com cinco questões iguais para ambos e duas questões específicas aos gêneros, em razão das características distintas de manifestações de *bullying* encontrada na literatura. Os resultados demonstraram que 54% dos meninos e 38% das meninas são vítimas de *bullying* nas aulas de educação física escolar, 36% dos meninos e 74% das meninas relatam já terem sido excluídos das aulas pelos colegas, a ponto de acarretar a não participação de 8% dos meninos e 34% das meninas nas aulas de educação física escolar. Conclui-se que as agressões física, verbais ou morais são significativas nas aulas e os alunos não conseguem reagir. A agressão constante fere o autoconceito e a auto-estima dos adolescentes e, conseqüentemente, deve constituir-se em um dos maiores fatores da evasão das aulas de educação física escolar no ensino fundamental, principalmente, em relação às meninas.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, *Bullying*, evasão das aulas.

ABSTRACT

The violence that happens constantly on school environments, with aggressive phenomenon in pairs on scholar context and has been investigated on the last three decades is the *Bullying*. The damage caused for the victims are more and more embarrassing and unavoidable, affecting social, affective, physics and psychic aspects. This exploit-descriptive research had as an objective: identify the bullying manifestations on physical education scholar classes and analyze the consequences of this manifestation on social-affective aspects from teenagers from 6º to 9º year grade on elementary education. Based on Fante (2005) and Middleton-Moz and Zawadski (2007) work and on collected data from a sample composed by a hundred students from 11 to 15 years old, from a total of 512 students, from a public school from Rio de Janeiro. For the data survey it had been used two strict questionnaires composed by seven questions, one for the female sex and other for the male one, with five identical questions and two specific for each gender, in account of distinct manifestations of *bullying* found on literature. The results demonstrates that 54% of the boys and 38% of the girls are victim of *bullying* on physic education scholar classes, 36% of the boys and 74% of the girls have mentioned being excluded from the classes by their classmates, culminating on the non participation of 8% of the boys and 34% of the girls on the scholar physic education classes. The conclusion is that the physic, verbal or moral aggressions are significantly on classes and the students can't react. The constantly aggressions injures the self-concept and self-esteem of the teenagers and, consequently, has to be formed on one of the major factors of the evasion on the physic education classes on the elementary school, mainly concerning the girls.

Key-words: Scholar physic education, bullying, class evasion.

INTRODUÇÃO

A violência cresce cada vez mais em todo o mundo. Milhões de pessoas são vítimas de diversas formas, seja ela, doméstica, física, sexual, visual ou moral. As notícias apresentadas pela mídia referentes às manifestações de violência tem sido constantes, e os danos causados às vítimas são cada vez mais graves, constrangedores e inevitáveis às questões sociais, afetivas, físicas e psíquicas.

Os problemas de comportamento tais como: delinquência juvenil, agressões, indisciplina e outros, vêm crescendo assustadoramente no ambiente escolar, tem sido objeto de estudos e tornando-se crescente

a preocupação da sociedade. Os fatos, ocorridos no ambiente escolar e noticiados pela mídia, transformaram-se em tema de debate do corpo docente na tentativa de encontrar uma medida educativa eficaz e até mesmo preventiva diante do problema.

Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.75) complementam a preocupação com a assertiva: “as crianças da escola fundamental estão trazendo armas para a escola. Há cada vez mais incidentes de agressões físicas, ameaças de bombas, danos à propriedade, desrespeito aberto à autoridade e ameaças dirigidas a colegas e professores”.

Entre as diversas formas de violência, a que acontece no interior do ambiente escolar tem sido investigada exaustivamente nas últimas três décadas. Trata-se da compreensão de fenômenos de agressividade entre pares no contexto escolar, o *Bullying*.

Todos já foram alvos de *Bullying* pelo menos uma vez na vida, seja no trabalho, na família, na escola, no trânsito, ou outros lugares. O constrangimento de apelidos, fofocas, atitudes agressivas verbais e até físicas são cruéis para as vítimas.

Na falta de um termo em português, entende-se por *Bullying* toda e qualquer forma de atitude agressiva, intencional e repetida, realizada por um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos (*bullies*) contra outro(s), causando angústia, medo, dor. A agressão é executada dentro de uma relação desigual de poder, de um grupo sobre o outro, com isso ocorre à intimidação, hostilizando, humilhando, oprimindo, intimidando a vítima todo o tempo. Na literatura psicológica anglo-saxão, o termo *bullying* é utilizado para designar comportamentos agressivos e anti-sociais (FANTE, 2005).

Segundo Middelton-Moz e Zawadski (2007):

O bullying não é simplesmente, como muitos minimizam, um comentário ácido ocasional feito por uma pessoa próxima na mesa do café da manhã, um dia ruim com o chefe, as crianças brigando com outras enquanto brincam, aprender as duras lições da rivalidade entre irmãos ou a solução de conflitos com colegas. É a crueldade freqüente e sistemática, voltada deliberadamente a alguém, por parte de uma ou mais pessoas, com intenção de obter poder sobre o outro ao infligir regularmente sofrimento psicológico e/ou físico (p. 18).

O *Bullying*, conforme Middelton-Moz e Zawadski (2007, p.14), consiste em: “ofender, humilhar, espalhar boatos, fofocar, expor ao ridículo em público, fazer de bode expiatório e acusar, isolar, designar áreas de trabalho ou tarefas ruins ou negar férias e feriados no local de trabalho, dar socos, tapas, chutes, insultar, ostracizar, sexualizar ou fazer ofensas étnicas ou de gênero”.

O *Bullying* pode ser classificado conforme as ações praticadas: a) Sexual: assediar, induzir e/ou abusar; b) Exclusão social: ignorar, isolar e excluir e c) Psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, infernizar, tyrannizar, chantagear e manipular. Os locais mais comuns de violência são os pátios de recreio, em 78% dos casos, seguidos dos corredores (31,5%) (SÃO PAULO. Assembléia Legislativa, 2007).

Para Fante (2005, p.56), o *Bullying* não é caracterizado somente pela repetição das atitudes e desequilíbrio de poder, mas também pela ausência de motivos que justifiquem os maus tratos.

O comportamento *bullying* pode ser identificado já nos primeiros anos escolares, em crianças entre 3 a 4 anos de idade. No entanto, a intensidade do fenômeno e o agravamento dos episódios aumentam conforme o grau de escolaridade, atingindo o ápice na adolescência. O *Bullying* é apontado como uma das formas de delinquência juvenil que mais cresce no mundo (FANTE, 2005, p. 57).

O *Bullying* é muito mais do que simplesmente uma “brincadeira de criança”, é algo totalmente calculado pelos autores com o intuito de obter poder sobre o outro, para conquistar algo, como: objetos, status ou simples prazer. Assim, os agressores usam os outros como uma espécie de “bode expiatório” e aprendem a se “divertir” ou promover “diversão” usando os seus colegas (SILVA, 2006).

A violência manifesta-se através de uma afirmação de poder sobre o outro e a conquista desse poder é o que gera as diversas formas de violência. Tendo como principais causas: o ambiente em que vive, a cultura a sua volta, o desejo de popularidade, violência doméstica e outros.

As razões desse tipo de comportamento originam-se no sexismo, no racismo, preconceitos, a origem familiar, as influências da mídia e as características do ambiente próximo à escola. Outros fatores como distribuição de renda, impunidade, corrupção, o mau funcionamento da justiça entre outros, também estão na lista dos responsáveis pela violência escolar (PUPO, 2007).

Conforme São Paulo. Assembléia Legislativa (2007) a preocupação com o *Bullying* é um fenômeno mundial. Em Portugal um em cada cinco estudantes já foi vítima desse tipo de agressão. Na Espanha 20% dos alunos sofreram algum tipo de agressão dos colegas de escola. Na Grã Bretanha 37% dos alunos do ensino fundamental admitiram que sofrem *bullying* ao menos uma vez por semana. Acredita-se que 35% das crianças se envolvem em agressões e violências na escola.

Trata-se de um problema mundial, no entanto é importante ressaltar que no Brasil, os estudos sobre a violência escolar são recentes e pouco divulgados. Dados obtidos pelo Centro multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* escolar (CEMEOBES, 2007) revelam que a média de envolvimento dos estudantes brasileiro no fenômeno é de 45%, valor que está acima dos índices mundiais. Por ser o *Bullying* caracterizado por formas de violência sutis e de menor visibilidade, não significa que é um fato menos importante.

A Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA, 2007), em pesquisa envolvendo 5875 estudantes da 5ª a 8ª série (nomenclatura atual 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental), de onze escolas localizadas no município do Rio de Janeiro, revelou que 40,5% desses alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de *Bullying* naquele ano, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos/autores e 12,7% autores de *Bullying*.

Constata-se que o *Bullying* não está restrito somente ao ambiente escolar, mas, também, está presente em locais de trabalho e em qualquer tipo de relacionamento interpessoal. Este comportamento agressivo pode se estender até a vida adulta, transformando o indivíduo em uma pessoa com atitudes violentas e manipulativas.

Como o *Bullying* está vinculado às relações interpessoais, surgiram algumas questões a respeito da Educação Física, que possibilita e promove os relacionamentos entre os alunos, nas brincadeiras, jogos, lutas, esportes e danças que se constituem em conteúdos deste componente curricular, estimulando o desenvolvimento do aspecto afetivo-social do aluno. Portanto, levanta-se como questão central desta pesquisa: quais as conseqüências das manifestações de *Bullying*, nas aulas de Educação Física Escolar, para os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental?

Esse estudo busca um novo olhar para as aulas de Educação Física no que tange o aspecto afetivo-social dos alunos do Ensino Fundamental II, com os objetivos de identificar as possíveis manifestações de *Bullying* ocorridas na Educação Física Escolar; analisar as conseqüências dessas manifestações e atentar os professores para essas atitudes dentro das aulas de Educação Física.

Acredita-se que essa pesquisa contribuirá de maneira significativa para compreender as manifestações de *Bullying* ocorridas no interior do ambiente escolar, especificamente nas aulas de educação física e conscientizar os professores das conseqüências do *Bullying* no comportamento e desenvolvimento dos alunos. A relevância do estudo encontra-se em atentar à necessidade e urgência do combate e prevenção ao *Bullying* no ambiente escolar, especialmente, nas aulas de Educação Física.

METODOLOGIA

O estudo emprega o método descritivo de caráter exploratório, que se caracteriza em observar, registrar, analisar, descrever e correlacionar fatos sem manipulá-los, com a finalidade de familiarizar-se com o fenômeno e descobrir novos fatos sobre o objeto de estudo (MATTOS, ROSSETTO JUNIOR e BLECHER, 2004).

AMOSTRA

Os sujeitos da pesquisa são 100 alunos, de ambos os sexos, com idade entre 11 a 15 anos, do 6º ao 9º o Ensino Fundamental, selecionados aleatoriamente, dentre um total de 512 alunos, de uma escola pública localizada na Região Serrana do Rio de Janeiro. A amostra consta de 50 alunos do sexo masculino e 50 alunos do sexo feminino. Ao todo foram 24 alunos do 6º ano (12 meninos e 12 meninas), 24 alunos do 7º ano (12 meninos e 12 meninas), 26 alunos do 8º ano (13 meninos e 13 meninas) e 26 alunos do 9º ano (13 meninos e 13 meninas) do Ensino Fundamental.

INSTRUMENTO DE COLETA

Para coleta dos dados utilizaram-se dois questionários fechados, compostos de sete questões, um para o sexo feminino e outro para o sexo masculino, com cinco questões iguais para ambos e duas questões

específicas aos gêneros, em razão das características distintas de manifestações de *bullying* encontrada na literatura.

PROCEDIMENTOS

A coleta de dados desta pesquisa teve início no segundo semestre do ano letivo de 2007, no mês de agosto, para que os alunos se conhecessem e convivessem durante o primeiro semestre, podendo interagir e relacionar-se de diferentes formas e em diversas circunstâncias. Os questionários foram aplicados pela professora de Português no intervalo entre as disciplinas, para que a presença do professor de Educação Física não interferisse nas respostas dos alunos, em razão de sentirem-se avaliados, observados, pressionados ou coagidos, por tratar-se de questões relacionadas a esta disciplina. Também, preocupou-se em não se aplicar os questionários em momentos que os alunos estivessem ansiosos para sair para o recreio, pois a ansiedade poderia alterar as respostas, influenciando os alunos a responder as questões sem a devida atenção.

A análise dos dados procedeu-se com o cálculo da porcentagem das respostas às questões e a posterior avaliação, confrontação e relação com as bases teóricas da área temática.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Na primeira questão, procurou-se verificar e quantificar se o aluno já havia sofrido de alguma agressão física ou verbal, por parte de um ou mais alunos da escola, durante ou após as aulas de Educação Física. Constata-se na Tabela 1 que 46% dos alunos afirmaram que sim. O que comprova o relatado por São Paulo. Assembléia Legislativa (2007), que o *Bullying* vem tomando proporções drásticas em todo o mundo. E que nem mesmo a escola está livre da violência.

Tabela 1 - Porcentagem de alunos vítimas de *bullying*

Questão 1: Você já foi vítima de alguma agressão física ou através de palavras por parte de um(a) ou mais alunos(as) durante ou após as aulas de Educação Física?	% Masc	% Fem
SIM	54%	38%
NÃO	46%	62%
Total	100%	100%

As agressões ocorrem durante as aulas de Educação Física e na presença do professor, mas por serem atitudes sutis, na maioria dos casos, passam despercebidas por todos integrantes da escola, gerando grande preocupação, já que as aulas constituem-se em locais de socialização, ou seja, contextos interativos que proporcionam aprendizagens e mudanças de atitudes e comportamentos, que ocorrem com a interação com outras pessoas, em instituições e organizações, como a família, a escola, as salas de aula, o trabalho e os grupos de interesse (SARABIA, 1998).

São fatores essenciais para a internalização das atitudes: a criação de um ambiente na escola e na sala de aula que favoreça a vivência das atitudes e as relações que se estabelecem traduzam os valores que se quer ensinar. Dificilmente podem-se cultivar alguns valores se os próprios professores não têm, defendem ou demonstram essas atitudes (SARABIA, 1998; ZABALA, 1998).

Como as manifestações de *Bullying* se caracterizam por serem atos repetitivos, questionamos se essas agressões eram freqüentes e observa-se na Tabela 2 que 32% dos alunos afirmaram que constantemente são agredidos.

Tabela 2 - Freqüência das agressões.

Questão 2: Essas agressões são freqüentes?	% Masc	% Fem
SIM	18%	14%
NÃO	82%	86%
Total	100%	100%

As seguidas ofensas, humilhações e agressões recebidas dos colegas e a conseqüente exclusão das atividades que participam com os mesmos direitos dos demais alunos, são de difícil compreensão e à medida que o fato se repetir, pois é o que acontecerá se não for tomada nenhuma providência, a

interpretação da vítima de *Bullying* poderá ter sérias conseqüências nos seus relacionamentos sociais e afetivos. Porque de acordo com Rodrigues (1976, p. 129) “sentimentos de inadequação e inferioridade, falta de confiança na própria eficiência, sensibilidade crítica a ofensa pessoal prejudicam os contatos sociais que se constituem em séria fonte de preocupação [...]”.

Já a terceira pergunta, foi elaborada segundo as características de *Bullying*, encontrada na literatura, para cada sexo. Na Tabela 3 verifica-se que 56% dos meninos revelaram sofrer com apelidos e atitudes grosseiras dos seus colegas durante ou após as aulas de Educação Física e 86% das meninas afirmam já terem sido alvo de fofocas.

Tabela 3 - Tipos de *Bullying*.

Questão 3 Meninos: Algum aluno ou grupo de alunos já lhe colocou apelido, ou lhe trataram de maneira que você não gostasse durante as aulas de educação física?	%Masc
SIM	56%
NÃO	44%
Questão 3 Meninas: Você já foi alvo de fofocas?	%Fem
SIM	86%
NÃO	14%

Os meninos geralmente exercem o *Bullying* direto, físico e verbal. Desde cedo eles têm medo de não cumprir as regras não ditas do gênero. A forma como os meninos desde cedo são exigidos em seu comportamento, faz com que se tornem alvos de *Bullying*, caso demonstrem comportamento diferente dos demais. O menino para se tornar homem deve ser viril, fazer o tipo valentão, não demonstrar sentimentalismo, nem ser “intelectual” demais, falar com voz firme, nunca chorar e nem mesmo parecer ser muito próximo da própria mãe e não usar determinadas roupas ou cores. Nesse tal código, o fato de ter uma forma diferente de ser já é motivo para um provável “rótulo”, que geralmente define-se o que não é verdade.

Middelton-Moz e Zawadski (2007) afirmam que sem esta máscara os meninos correm o risco de *Bullying* permanentemente. A máscara atua como proteção e exige que eles exerçam ou apoiem ativamente companheiros que exercem o *Bullying* de forma a não se tornar o próprio alvo.

Pollack e Shuster 2000, *apud* (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007, p. 23) em relação à forma cultural como os rapazes se formam, comentam: “o código dos rapazes, que restringem a expressão de emoção de um menino e seus pedidos de ajuda naturais, tem silenciado as almas de nossos filhos e paralisado nossos instintos naturais de estender a mão a eles”.

Já as meninas exercem o *Bullying* de forma diferenciada. Por se sentirem pressionadas a se adequarem a uma imagem que consideram a perfeita de mulher, tendem a fazer de tudo para pertencer a um determinado grupo, preferencialmente, o “considerado” por elas o mais popular. Para elas é necessário ser atraente, usar roupas da “moda” e que atraia a atenção dos meninos. As que não se encaixam nesses padrões de imagem, geralmente, são tímidas demais para lutar contra ou não encontram um grupo ao qual pertencer, assim, muitas vezes, se tornam alvo de *Bullying*.

A forma como elas agem é sutil e sem levantar suspeitas. Elas não podem correr o risco de deixar a reputação de “boa menina”. Elas tendem a espalhar boatos maliciosos, intimidar, sussurrar insultos ou sorrisos quando estão em grupos, em volume alto o suficiente para que todos, inclusive seus alvos, possam escutar. Tentam ainda destruir a reputação da outra, pedem as outras para que deixem de gostar de quem querem se vingar. Elas usam a exclusão social como principal arma, em lugar de agressão emocional ou física direta, embora estudos indiquem que elas têm se tornado mais agressivas fisicamente na última década. (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007).

Quando se referiu a não participação nas aulas práticas por motivo de apelidos ou qualquer outra atitude dos colegas, verifica-se na Tabela 4 que 21% da amostra total apontaram que sim. Quando se comparam as respostas dos meninos com as meninas que sofrem *Bullying* constantemente, a ponto de não participar das aulas, constata-se significativa diferença entre os meninos (8%) e as meninas (34%).

Nessas porcentagens enquadram-se àqueles alunos que não participam das aulas de educação física, alegando sintomas como: “dor-de-cabeça”, “náuseas”, ou, “cólicas” e não indicando a verdadeira causa. As vítimas de *Bullying* são retraídas, é importante que o professor converse para saber o real motivo. As ações do professor podem gerar emoções que interferem diretamente, de forma positiva ou negativa, na motivação dos envolvidos, como também nas relações interpessoais e desenvolvimento da personalidade,

interferindo conseqüentemente no processo de ensino e aprendizagem (WEBER, 1975 *apud* WINTERSTEIN e PICCOLO, 1996).

Tabela 4 - Exclusão das aulas de Educação Física

Questão 4: Você já deixou de participar das aulas de Educação Física por causa das atitudes dos seus colegas com você?	%Masc	%Fem
SIM	8%	34%
NÃO	92%	66%
Total	100%	100%

As vítimas, alvos de bullying geralmente são indivíduos pouco sociáveis, que não possuem qualquer esperança de se adequarem no grupo e não possuem recursos para cessar os danos realizados contra si mesmo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007 p.20).

A não reação é comprovada na Tabela 5, ao demonstrar que 28% dos alunos (24% dos meninos e 32% das meninas) não reagem quando são mal tratados pelos próprios colegas.

Tabela 5 - Alunos que reagem ao *Bullying*.

Questão 5: Você reage a esses tipos de atitudes?	Masc	Fem
SIM	24%	32%
NÃO	76%	68%
Total	100	100

Segundo Fante (2005) a não reação ocorre em razão da vítima ser escolhida como um “bode expiatório”, em geral são pessoas tímidas, retraídos, com dificuldade de expressão de socialização e defesa, sem condições de fazer cessar os ataques. Costumam demonstrar também insegurança, passividade, baixa auto-estima, hipersensibilidade, nervosismo e aspectos depressivos.

A não reação ocorre porque alguns crêem ser merecedores do que lhes acontece e outros os acham culpados por se tornarem vítimas, como se nota nas falas de alguns agressores pesquisados:

“Se ele simplesmente deixasse de ser tão frágil [...]”; “Se ele simplesmente não agüenta o calor”; “Ele só precisa ser mais esperto”; “Se ele emagrecesse, não seria tão visado”; “Ela fez a própria fama, agora só tem que deitar na cama”; “Se ela não desse bola, eles parariam” (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007 p.20).

Normalmente as vítimas têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem as agressões. Sentem-se inseguros com relação ao que fazer e podem reagir negativamente ao ambiente da aprendizagem. A dificuldade em superar os “rótulos” é tanta, que leva a vida inteira para ser superado, ou, talvez, nunca seja (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007, p.22).

Na Tabela 6 visualiza-se que 16% dos meninos afirmaram serem ameaçados e realizaram algo que não queriam para um aluno ou grupo de alunos. Já 18% das meninas relatam já terem feito algo que não gostariam para serem aceitas em um grupo nas aulas de Educação Física. Explicitando que as manifestações de violência acontecidas no decorrer e na seqüência das aulas de Educação Física são de formas sutis e, muitas vezes, não perceptíveis aos educadores, porém merecem atenção especial.

As conseqüências dessas ameaças às vítimas, de acordo com os Neurocientistas, são que a intimidação por agressão e o medo prolongado levam o indivíduo ao isolamento social e a diversos transtornos graves, podendo levá-lo ao suicídio, por não suportar mais as humilhações e o medo. Essas crianças e adolescentes sofrem trauma e podem reagir com medo, choque, culpa, confusão, stress, ansiedade, insegurança e raiva por não ter nenhuma iniciativa (SILVA, 2006, p.38).

Middelton-Moz e Zawadski (2007) relatam que o *Bullying* pode causar prejuízos físicos, mentais, emocionais, sociais e espirituais, e, ainda, costuma provocar o suicídio e atos de violência.

Em relação às ameaças e agressões observa-se que, meninos e meninas usam da força física ou das habilidades psicoemocionais, para aterrorizar os mais fracos e indefesos, adotando atitudes hostis, perversas e cruéis para submeter às vítimas as suas exigências e caprichos. Também, empregam artimanhas para se tornarem populares ou disfarçar sua insegurança, por necessidade de chamar a atenção, pertencer a um grupo ou de reproduzir os maus-tratos recebidos. (FANTE, 2005).

Tabela 6 - Forçado a realizar algo.

Questão 6 Meninos: Você já foi ameaçado, e teve que fazer algo que não queria, por um aluno ou grupo de alunos?	%Masc
SIM	16%
NÃO	84%
Questão 6 Meninas: Você já teve determinada atitude que normalmente não teria para ser aceita em um grupo nas aulas de Educação Física?	%Fem
SIM	18%
NÃO	82%

A Tabela 7 demonstra que 55% dos 100 alunos pesquisados já foram excluídos das aulas de educação física. Dessa forma, pode-se notar que o ato de excluir não está apenas presente nas atitudes femininas de fofocas, pois o índice de exclusão é muito alto em ambos os sexos.

Tabela 7: Exclusão pelos colegas.

Questão 7: Alguém já deixou de falar com você por causa de outra pessoa ou grupo nas aulas de Educação Física?	%Masc	%Fem
SIM	36%	74%
NÃO	64%	26%
Total	100%	100%

A Educação Física Escolar deve se atentar para esses dados, pois se continuar assim, a tendência é aumentar em razão de existirem vítimas que se tornam agressoras, são indivíduos em que ao mesmo tempo em que são vítimas, também agredem aos outros. Testemunhas que convivem constantemente com a violência, se calam em razão do temor de se tornarem as “próximas vítimas”. Podem até mesmo vir a utilizar o mesmo tipo de atitude que os agressores para poder sobreviver em meio ao ambiente que vivem. Vítimas e testemunhas reproduzem as atitudes de violência.

[...] aprendeu cedo na vida a defender-se sendo “durona”, “gritona” e verbalmente agressiva com outras pessoas. Seus modelos de referência lhe ensinaram a intimidar aos outros com suas palavras e suas emoções. Ela era provocadora e sarcástica e fofocava e espalhava rumores para causar sofrimento em outros que achava que a haviam prejudicado. (MIDDELTON-MOZ e ZAWADSKI, 2007, p.83).

Na verdade não importa se o indivíduo é um autor, testemunha ou vítima. Todos sofrem com os rastros de violência deixados pelo *Bullying* e estão sujeitas a graves conseqüências.

Desinteresse pelos estudos, déficit de concentração e aprendizagem, queda do rendimento intelectual, o absentismo, a reprovação e a evasão escolar (no âmbito cognitivo). Na saúde provoca queda da resistência imunológica e sintomas psicossomáticos diversificados, como cefaléia, tontura, náusea, ânsia de vômito, dores epigástricas, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão e dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelos perda ou aumento do apetite, dores generalizadas, entre outros. Podem surgir também doenças psicossomáticas como gastrite, úlcera, colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite, alergias, problemas respiratórios, obesidade, [...] (FANTE, 2005, p.60).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Bullying* é um problema mundial e antigo, mas só recentemente começaram a preocupar-se com as manifestações nas escolas e surgiram estudos sobre os danos às crianças e adolescentes.

Constatou-se que o *Bullying* ocorre nas aulas de Educação Física com atitudes agressivas no âmbito físico, verbal, psicológico e moral. As agressões e humilhações constantes, pelo fato das vítimas não conseguirem fazer cessar, acarretam em déficit de atenção e concentração, febre, gastrite, angústia, entre outros aspectos envolvidos no processo de aprendizagem.

Desta forma, infere-se que as manifestações de *Bullying* propiciam transtornos físicos, psicológicos e desmotivam os alunos à participação nas aulas de Educação Física, em razão de ferir o autoconceito e a auto-estima, levando o aluno ao receio de se expor, vergonha ou medo de ser apontado, forçando os a

optarem em não participar das aulas, conseqüentemente, constitui-se em um dos maiores fatores da evasão das aulas, principalmente, em relação às meninas, que são as mais atacadas.

A Educação Física tem práticas pedagógicas com relações sociais e afetivas intensas, que possibilitam a excitação emocional, muitas vezes, levam a hostilidades e agressões nas disputas e desafios de jogos, esportes e lutas. Portanto, deve-se atentar a essas atitudes, pelo fato de serem sutis, passam despercebidos e tomar cuidado para que os alunos não sejam molestados durante e após as aulas, pois ninguém quer ver expostas suas dificuldades, ridicularizado pelo fato de não ser capaz de realizar determinado movimento e agredido verbalmente ou fisicamente por suas limitações.

A aula deve favorecer a troca, a interação, sujeito-meio-esporte. Para Freire (2006, p.71): “[...] o respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola”.

Os educadores possuem responsabilidades sobre o comportamento dos jovens, procurando impedir os apelidos, fofocas, as agressões, sejam elas físicas ou verbais, especialmente, quando se indica como objetivos a formação integral do ser humano e do cidadão crítico, reflexivo e autônomo. Porque muitos desses autores, na vida adulta, dão continuação ao *Bullying* ou ao que ainda chamam de “brincadeira de criança” e passam a cometer outros tipos de violência como: a violência doméstica e assédio moral no trabalho. Outros, como declara Fante (2005), podem vir a se envolver em delinquência, uso de drogas e criminalidade. Adolescentes envolvidos com esse tipo de atitude, os “valentões”, tendem a ter uma ou duas condenações legais no decorrer da vida antes dos 24 anos.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. **Bullying**. Disponível em: <http://www.bullying.com.br/BConceituaçãoo21.htm>. Acesso em 12.05.2007.

CEMEOBES. **Violência gratuita**. Disponível em <http://www.bullying.pro.br/>. Acesso em 05.07.2007

FANTE, C. *Bullying: o outro lado da escola*. **Revista Mente e Cérebro: O olhar adolescente**, Espelho da Sociedade. São Paulo, nº 4, p. 54-61, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 34ª ed., 2006.

MATTOS, M. G.; ROSSETTO JUNIOR, A.R.; BLECHER, S. **Teoria e Prática da Metodologia da pesquisa em Educação Física**. São Paulo: Phorte, 2004.

MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M.L. **Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Traduzido por Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PUPO, K.R. **Práticas de violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva de gênero**. São Paulo, USP - Faculdade de Educação (Dissertação de Mestrado), 2007.

RODRIGUES, M. **Psicologia educacional**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

SÃO PAULO. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **PROJETO DE LEI Nº 350/07 - Programa de Combate ao Bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo**, 2007.

SARABIA, B. A aprendizagem e o ensino de atitudes. In: COLL, C. **Os conteúdos da reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Traduzido por Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, cap. 3, p. 119-178.

SILVA, T.N. **Bullying: só quem vive sabe traduzir**. Pelotas (RS), Universidade Católica de Pelotas (Monografia de Especialização em Assistente Social), 2006.

WINTERSTEIN, P.; PICCOLO, V.N. Análise comparativa das emoções vivenciadas pelos alunos com a descrição que seus professores fazem da mesma. **Revista Paulista de Educação Física**, v.10, n.1, p.59-67, 1996.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Traduzido por Ernani F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

¹ Universidade Gama Filho, PUC/SP e IEE

² Universidade Gama Filho